

DEBATE

## O capitalismo nasceu e permanece mundial

Alexis SALUDJIAN<sup>1</sup>

O texto de Xabier Montoro, titulado *El Euro, caballo de Troya del FMI en Europa*, publicado nesta revista trata de um tema de grande importância não unicamente para os economistas da Espanha e da Europa, mas para todos os pesquisadores críticos das ciências sociais. Após discutir o texto sobre a Europa (parte 1), apresentaremos alguns elementos que também são relevantes para analisar o caso latino americano (parte 2).

### 1 Espanha e a integração Europeia

Durante décadas o caso da integração da Espanha (e outros países como Portugal, Grécia, Irlanda) foi apresentado pelas instituições oficiais (Comissão Europeia) ou

autores liberais como o melhor exemplo de uma integração bem sucedida, permitindo o aumento do Produto Interno Bruto (PIB), per capita e um aumento do nível de vida da população desse país. Autores ligados à heterodoxia econômica (keynesianos ou políticos favoráveis a uma maior intervenção estatal) chegaram a discutir a orientação liberal do projeto da União Europeia, mas sempre no marco do desenvolvimento capitalista. O texto de Xabier Arrizabaló Montoro aponta para uma crítica profunda, mais frontal contra o liberalismo, e também contra a forma capitalista da integração europeia desde os anos 1950. A Espanha entrou tardiamente na União Europeia (UE), em 1986, e a sua forma da integração foi vista como um exemplo bem sucedido de expansão da UE e da capacidade da Europa promover um desenvolvimento para países menos industrializados.

O texto critica essa ideia comum e aponta elementos analíticos consistentes tratando, a partir dos textos originais da criação da UE (Tratados, etc...) e de uma análise marxista (discutindo a Lei da Tendência à Queda da Taxa de Lucro), das temáticas da dívida, da soberania nacional e do pa-

---

<sup>1</sup> Professor do Instituto de Economia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil). Email: <[saludjian@ie.ufrj.br](mailto:saludjian@ie.ufrj.br)>. Página internet: [http://www.ie.ufrj.br/hpp/mostra\\_nsi2.php?idprof=110](http://www.ie.ufrj.br/hpp/mostra_nsi2.php?idprof=110). Membro da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP). Doutorado em Economia pela Université Paris 13 (Paris, França). Pós-doutorado na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, Brasil). Pesquisador associado Université Paris 13, Centre d'Economie de Paris Nord – CEPN/CNRS (Paris, França).

pel de instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e da Moeda Única (Euro). Com essa análise, Xabier Montoro consegue mostrar como o objetivo - muitas vezes apresentado pelos apoiadores do desenvolvimento da UE - não se sustenta, ainda mais com a profundidade (econômica, política, e, sobretudo, social) e a duração da crise na UE, especialmente nos países como Espanha, Portugal ou Grécia. A integração à UE desses países significou o avanço do capital sobre o trabalho e o empobrecimento de seus trabalhadores e, também, do conjunto dos países da UE (seja através da renda ou tomando em consideração a redução/degradação de direitos sociais). Xabier Montoro aponta, também corretamente, a importância de tratar a construção da UE em suas dimensões política e estratégica com relação a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e ao capitalismo norte americano. Em outro livro publicado recentemente sobre a mesma temática e com a mesma visão crítica da UE, Cedric Durand<sup>2</sup> apresenta o debate realizado no início dos anos 1970, entre dois autores marxistas (E. Mandel e N. Poulantzas). A construção europeia é o resultado de uma rivalidade interimperialista entre o capital (e os capitalistas) de diversos países europeus e o capital (e os capitalistas) dos EUA? Existe uma cor-

respondência perfeita entre as formas da organização do capital e a forma do Estado? Certamente o debate convencional (seja ele mais liberal ou mais estatista) não aborda esses temas nem os considera, devido à mobilização quase absoluta das “leis do mercado” e as vantagens comparativas da “ciência” econômica neoclássica - maximizadora de “utilidade”. Em ciências sociais, acreditar em milagre (o milagre do *boom* da Espanha depois de integrar a UE) é quase sempre sinônimo de ignorância ou pelo menos de um desconhecimento culpável quando não interessado.

Ainda que o papel do FMI seja corretamente apresentado por Xabier Montoro no texto, não podemos esquecer da responsabilidade dos autores e atores locais/nacionais. Novamente o texto de Cédric Durand apresenta elementos interessantes que poderiam complementar a crítica à promoção do desenvolvimento capitalista da UE. O ordoliberalismo, corrente teórica do neoliberalismo, aparecido na Alemanha nos anos 1930, promovido por Ludwig Erhard, primeiro ministro da economia da República Federal da Alemanha (RFA) no pós-segunda Guerra Mundial, foi homenageado por Mario Draghi, então presidente do Banco Central Europeu (Ver DURAND, 2013, p. 25 e 29). Essa visão do liberalismo promove a independência política do Banco Central e a “economia social de mercado” e deve

---

<sup>2</sup> Durand (2013). Ver o primeiro capítulo: Introduction: Qu'est-ce que l'Europe ?, p. 7-47.

muito às teses de F. Hayek, como nota o Durand (2013, p. 28).

Como aponta Xabier Montoro, a moeda única parte dos mesmos princípios da “ciência” econômica neoclássica (R. Mundell) e a criação *ex-nihilo* dessa moeda beneficiou muito mais o capital do que os trabalhadores. O trabalho foi a variável de ajuste, escreve corretamente Durand (2013). As regras de “convergência” para poder utilizar essa moeda fizeram do “equilíbrio orçamentário” um fetiche (ver na terceira parte do texto de Xabier Montoro) para justificar cortes nos direitos sociais adquiridos ao longo de décadas de lutas sociais e políticas. Com esse fetiche, o peso da dívida e a fragilidade macroeconômica voltam ao centro do debate dos ortodoxos e justificam/legitimam os cortes sociais<sup>3</sup>. O texto também critica corretamente como a moeda única, o Tratado de Maastricht e o Pacto de Estabilidade e crescimento foram impostos pelas elites políticas negando a soberania dos povos de vários países. Por exemplo, o povo francês rechaçou com 54,9%, por referendun, o projeto de Constituição Europeia em 2005 que tentava institucionalizar a Europa liberal (isso também aconteceu na Holanda). Porém, poucos anos mais tarde, em 2008, o Tratado de Lisboa, inspi-

---

<sup>3</sup> Sobre a lógica da dívida ver os artigos e dados nas páginas do Comité para a Anulação da Dívida do Terceiro Mundo (CADTM) e do Observatório Internacional da Dívida (OID).

rado nesse projeto de Constituição Europeia, foi aprovado por voto no Parlamento francês (Assembleia Nacional e Senado reunidos). Certamente a soberania dos povos está sendo desprezada e as “elites europeístas” (Comissão Europeia, Banco Central Europeu, assim como os lobbies atrás do liberalismo europeu) se apoiaram no FMI para impor a sua visão. Mas as elites locais também tem um papel importante.

## 2 Espanha/UE e América latina

A crítica de Xabier Montoro ao tipo de integração econômica na Europa é justificada e bem argumentada no texto. Finalmente, podemos apresentar alguns elementos de comparação entre os processos de integração na Europa e na América Latina. Já no ano 2000, um seminário internacional organizado em Paris (França), pelo Grupo de Pesquisa sobre o Estado, a Internacionalização das Técnicas e o Desenvolvimento (GREITD), discutia justamente a importância da comparação entre regiões (América latina, África, Ásia, e Europa) para entender o processo de mundialização do capital e as suas consequências sociais em escala global<sup>4</sup>.

O processo de liberalismo na América Latina durante a década de 1990 teve importante consequências sociais (pobreza e indigência em todos os países do subcon-

---

<sup>4</sup> Ver a apresentação geral do seminário (COLLOQUE..., 2013).

tinente) e o seminário chamava a atenção sobre as lições dessa etapa neoliberal do desenvolvimento capitalista para além da região latino-americana. Nesse mesmo período, o processo de integração econômica no subcontinente avançou com a criação do Mercosul (1991) e a promoção do Regionalismo Aberto<sup>5</sup>. A promoção desse tipo de integração econômica segue os mesmos objetivos de economia de mercado e de promoção do liberalismo comercial. Supostamente, esse tipo de integração econômica devia promover o crescimento e a proteção contra os choques externos. Esses objetivos são muito semelhantes aos da UE.

Claro que não se trata de comparar simetricamente o caso da América Latina e da Europa (nível de desenvolvimento das forças produtivas), mas as justificativas econômicas foram as mesmas. Ainda que a proposta de “nova integração latino-americana” a partir da CELAC<sup>6</sup>, feita em janeiro de 2014, apresente diplomaticamente a vontade política de repensar a integração latino-americana, ainda falta muito para que ela se torne uma proposta de desenvolvimento alternativa ao capitalismo<sup>7</sup> e não uma mera declaração de boas intenções.

---

<sup>5</sup> Ver Saludjian (2005).

<sup>6</sup> Ver II Cúpula...(2014).

<sup>7</sup> Ver o ponto 5 da declaração de Havana: « 5. Promovemos una visión de desarrollo integral e inclusivo, que garantice el desarrollo sostenible y

O fato de se espalhar a ideia de que “Espanha vai bem” um pouco antes de uma crise tão profunda acontecer é outro exemplo em que a comparação é relevante. Nos anos de 1970, chegou a se falar em “milagre brasileiro”, mas poucos anos depois o país entrou em crise. Em 1994, numa cúpula da Organização dos Estados Americanos (OEA), o então Presidente Argentino C. Menem (peronista, liberal) era homenageado como o melhor aluno do FMI na região. Poucos anos depois, o país entrava numa crise brutal (dezembro de 2001) da qual pena a sair até hoje. Mais recentemente, o Brasil foi muitas vezes apresentado como o exemplo bem sucedido, em fóruns internacionais (Davos, Organização das Nações Unidas e até em instituições financeiras internacionais).

Certamente a desigualdade diminuiu desde o final da década dos 1990, mas ainda é arriscado apresentar o Brasil como se todos os seus problemas tivessem sido solucionados tão rapidamente. As estruturas econômicas e sociais, as forças produtivas não se transformam na mesma velocidade que uma equação de um

---

productivo, en armonía con la naturaleza, en aquellos ámbitos en los que podemos construir sinergias, particularmente en áreas como la energía, infraestructura, el **comercio** intrarregional, la producción de alimentos, las industrias intermedias, las inversiones y el financiamiento, con el propósito de alcanzar el mayor desarrollo social para nuestros pueblos.»

modelo neoclássico, nem no Brasil nem na Espanha.

Outra lição interessante tem a ver com a questão da dominação da Alemanha (e da França em menor escala) sobre países da União Europeia como Espanha, Portugal e Grécia. Essa tensão dentro do mesmo processo de integração econômico lembra as tensões que existem entre Brasil e os outros sócios do Mercosul, o que levantar o debate do subimperialismo brasileiro na América Latina. Xabier Montoro fala acertadamente, na sua segunda seção, de subordinação europeia ao imperialismo norte americano. Mas poderia também discutir a dominação entre certos países da UE e o subimperialismo intraeuropeu.

As discussões sobre o equilíbrio fiscal na Europa lembram a discussão sobre o superávit primário e o cumprimento da Lei de Responsabilidade Fiscal (1998) no Brasil. O peso dos pagamentos da dívida continua representando mais de 40% do orçamento do Governo Federal, em 2013<sup>8</sup>. Nesse caso, não é o FMI quem impõe essas medidas, mas diretamente o Estado brasileiro respeitando os interesses do lobby financeiro. As regras de Maastricht e o Consenso de Washington apontam para a mesma direção: uma direção socialmente inaceitável.

---

<sup>8</sup> Ver os estudos da Auditoria da Dívida Cidadã (2012).

Esses são só alguns elementos que mostram como o texto de Xabier Montoro é relevante para a discussão crítica sobre os processos de acumulação tanto na Europa quanto na América Latina. O capitalismo nasceu e permanece mundial<sup>9</sup>.

### Referências

AUDITORIA CIDADÃ DA DÍVIDA.

Brasília. Disponível em:

<<http://www.auditoriacidada.org.br/>>.

COMITÉ PARA A ANULAÇÃO DA DÍVIDA DO TERCEIRO MUNDO. [20--].

Disponível em:

<<http://cadtm.org/Portugues>>.

DURAND, Cédric (Org.). **En Finir avec l'Europe**. Paris: Ed. La Fabrique, 2013.

GREITD, **Presentation, COLLOQUE MONDIALISATION ÉCONOMIQUE ET GOUVERNEMENT DES SOCIÉTÉS : L'AMÉRIQUE LATINE, UN**

**LABORATOIRE ?**, 2000, Paris. Paris:

GREITD, l'IRD et les Universités de Paris 1 (CRI-IEDES), Paris 8 et Paris 13, 2000.

Disponível em:

<<http://greitd.free.fr/presentationcolloque.html>>.

OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA DÍVIDA. [2005]. Disponível em:

<<http://www.oid-ido.org/>>.

---

<sup>9</sup> Ver alguns elementos de reflexão sobre esse tema a partir de K. Marx em : Saludjian e outros (2013) e Saludjian (2014).

SALUDJIAN, A. Del Mercosur al ALCA: críticas al modelo liberal de Nuevo Regionalismo de la BID. **Problemas del Desarrollo**, v.36, p.9, 2005.

SALUDJIAN, A., GUIMARÃES, A., MIRANDA, F., CORRÊA, H., CARCANHOLO, M., **Marx's theory of history and the question of colonies and non-capitalist world**. Textos para Discussão do Instituto de Economia da UFRJ, 2013. Disponível em: [http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/td\\_ie\\_015\\_2013.pdf](http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/td_ie_015_2013.pdf)

SALUDJIAN, A. **Leis de funcionamento do capital, níveis de abstração e economia mundial no Capital de K. Marx: Alguns elementos de reflexão**. Textos para Discussão do Instituto de Economia da UFRJ, 2014. Disponível em: [http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/ie\\_td\\_001\\_2014.pdf](http://www.ie.ufrj.br/hpp/intranet/pdfs/ie_td_001_2014.pdf)

II CÚPULA da CELAC – Declaração de Havana: nota à imprensa nº 26. 30 jan. 2014. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/ii-cupula-da-comunidade-de-estados-latino-americanos-e-caribenhos-celac-2013-28-e-29-de-janeiro-de-2014-2013-declaracao-de-havana>.